



FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO

Graduação

GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA PARA O SUCESSO NA APRENDIZAGEM DO ESPECTRO AUTISTA

Raquel Ferreira Metzner Firmino
Prof^a Esp. Roberta Granchi Dias Heinzl

RESUMO

Esse trabalho apresenta uma reflexão sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), abordando seus sintomas e quais são suas características, e procura entender porque ainda hoje a conclusão do diagnóstico tende a ser fechada após os 3 anos de idade, quais profissionais estão envolvidos nesse processo, assim levantando as possíveis causas que podem influenciar no atraso do diagnóstico precoce e observar qual é o impacto irá causar na família com a conclusão do diagnóstico de seu filho. Será abordado a importância da efetivação de sua inclusão na escola de ensino regular e quais leis asseguram tal direito, quais métodos e estratégias são utilizados pelo professor para o processo de ensino - aprendizagem. Destacaremos a necessidade da parceria do aluno com o professor ser uma relação consolidada na afetividade bem como destaca Wallon em sua Teoria Psicogenética, e também a interação com os demais alunos no seu dia a dia da sala de aula. Como referencial teórico podemos destacar autores como Fonseca e Ciola (2016), Silva *et al.*(2018), Chiote (2013), Cruz (2015) entre outros que contribuíram para embasamento junto as revisões bibliográficas. O trabalho foi composto por abordagens qualitativa e quantitativa, com diálogos com mãe de criança com TEA e uma professora da Educação Especial. O estudo

conclui a necessidade de quanto antes fechar o diagnóstico para que criança e familiares possam ser acompanhados por profissionais qualificados para enfrentar os obstáculos que irão surgir. A inclusão precisa de fato acontecer e as leis possam assegurar tal permanência, e que empatia e afetividade aluno - professor faça diferença na aprendizagem, ajudando o aluno desenvolver a interação social com seus pares visto que é uma das principais dificuldades quanto falamos sobre o TEA.

Palavras-chave: Autismo. Diagnóstico. Inclusão. Afetividade.

ABSTRACT

This work presents a reflection on the Autistic Spectrum Disorder (ASD), addressing its symptoms and what are its characteristics, and seeks to understand why even today the conclusion of the diagnosis tends to be closed after 3 years of age, which professionals are involved in this process, thus raising the possible causes that can influence the delay of early diagnosis and observing what impact it will have on the family with the conclusion of the diagnosis of your child. It will be discussed the importance of its inclusion in the regular education school and which laws ensure this right, which methods and strategies are used by the teacher for the teaching-learning process. We will highlight the need for the partnership between the student and the teacher to be a consolidated relationship in affection, as well as highlights Wallon in his Psychogenetic Theory, and also the interaction with other students in their daily life in the classroom. As a theoretical framework, we can highlight authors such as Fonseca and Ciola (2016), Silva *et al.* (2018), Chiote (2013), Cruz (2015) among others who contributed to support the bibliographic reviews. The work consisted of qualitative and quantitative approaches, with dialogues with the mother of a child with ASD and a Special Education teacher. The study concludes the need to complete the diagnosis as soon as possible so that the child and family can be accompanied by qualified professionals to face the obstacles that will arise. Inclusion really needs to happen and the laws can ensure such permanence, and that empathy and student-teacher affectivity make a difference in learning, helping the student

to develop social interaction with their peers as it is one of the main difficulties when we talk about the TEA.

Keywords: Autism. Diagnosis. Inclusion. Affection.

Introdução

O interesse pela pesquisa em Educação Especial foi motivado pela experiência com crianças com necessidades especiais desde o ano 2003. Nesse local haviam crianças com Deficiência Visual, Deficiência Intelectual, Síndrome de Down e TEA (Transtorno do Espectro do Autismo), trabalhar com pessoas com necessidades especiais sempre é muito desafiador, principalmente quando se trata de uma criança que depende de auxílio para quase tudo e vê nos professores e auxiliares um porto seguro, isso despertou o interesse em aprofundar os estudos na Educação Especial.

A escolha pela presente proposta de pesquisa partiu do interesse em conhecer melhor o universo da Educação Especial, em especial o TEA, por acreditar que esse transtorno é muito complexo e intrigante. Analisar o processo de ensino aprendizagem desses alunos na escola regular e compreender como a parceria família e escola pode ser fundamental para aquisição da aprendizagem e também a importância da afetividade professor - aluno nesse processo.

Procura também tentar compreender como os pais recebem o diagnóstico de autismo de seus filhos, como isso pode afetar toda a estruturada familiar e até o psicológico de cada um. Cada família reage de um modo diferente ao diagnóstico, pois em sua maioria cai como uma bomba e há uma certa negação de imediato. Como pode aquela criança que foi planejada e idealizada por esses pais apresentar tais sintomas?

A principal finalidade desse trabalho é verificar como se dá o processo de ensino aprendizagem do autista com todas suas dificuldades cognitivas e comportamentais a depender do nível de comprometimento apresentado por esse aluno. Crianças e jovens diagnosticadas com autismo podem apresentar diferentes dificuldades dependendo do grau com que o transtorno for

apresentado, são 3 os níveis de comprometimento, o nível 1 é o de menor comprometimento já o nível 3 é de maior severidade.

Enquanto referenciais teóricos que já estudaram o tema delimitado ressaltamos: Ferreira e França (2017) que voltaram seus estudos em compreender o processo de aprendizagem da criança autista no ambiente escolar verificando suas dificuldades, pontuando métodos e estratégias que possam ajudar a família, o professor e a criança a enfrentar os desafios, e também refletindo sobre a importância dessa inclusão na sala de aula regular, verificando sua adaptação no convívio com outras pessoas já que apresentam dificuldades para se relacionarem com outras pessoas.

Já a pesquisa de Aguiar e Pondé (2020) verificou que o diagnóstico de autismo é tardio devido ao pouco conhecimento e/ou habilidade dos profissionais médicos. O pai ao saber do diagnóstico do filho é produzido um impacto emocional negativo, o que pode ser amenizado com estratégias de enfrentamento e comunicação diagnóstica que passe informações técnicas, ofereça suporte emocional, além de esperança quanto ao desenvolvimento do filho. Os pais precisam ser cuidados, para cuidarem dos filhos, no momento do diagnóstico e em todo o percurso de assistência às pessoas com TEA.

Para complementar, Manoel (2016) confirma que a interação entre professor e o aluno autista é condição essencial para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, o educador deve conhecer seu aluno e identificar suas habilidades e dificuldades como foco inicial. O educando precisa encontrar no ambiente escolar um espaço atraente e adequado para suprir suas necessidades e interesses, tendo como objetivo principal uma relação dialógica e afetiva, assim o processo de aquisição da aprendizagem será mais significativa. Devem ser adotadas estratégias pedagógicas que facilitem o processo ensino aprendizagem, devendo ser condizentes com a realidade de cada aluno. Verificou-se a necessidade e a importância do vínculo afetivo entre professor e aluno para tornar a aprendizagem mais efetiva.

Para o desenvolvimento do projeto de pesquisa utilizarei abordagens tanto qualitativa como quantitativa, onde vou analisar documentos, artigos fazendo uma revisão bibliográfica do que já foi estudado em relação ao assunto, fazer também entrevistas com familiar de aluno com TEA e com professor da Educação Especial para entender todo esse processo de ensino- aprendizagem.

O trabalho segue distribuído em 3 capítulos, sendo que no primeiro capítulo iremos abordar a importância de um diagnóstico precoce e assertivo dos profissionais médicos e o impacto dos pais ao receber o diagnóstico após a conclusão do laudo médico.

No capítulo 2 vamos analisar documentos que confirmam o direito de alunos portadores de deficiências seja ela qual for de frequentar as escolas regulares da rede pública ou privada e realizando a inclusão desses alunos na comunidade escolar. Compreender quais são os métodos e estratégias utilizados pelos professores para que esse aluno se desenvolva e adquira conhecimentos necessários para cada etapa escolar e sempre contando com a parceria da família.

Para concluir o capítulo 3 vamos verificar que para todo esse processo dar certo, é fundamental que exista uma interação entre o aluno e o professor onde exista um vínculo de afetividade para tornar a aprendizagem mais significativa e relevante.

1 Diagnóstico Precoce e Impacto nos Pais

O tema autismo ainda hoje em dia é para grande parte da sociedade uma incógnita, para que as informações cheguem as pessoas é necessário que se tenha uma melhor divulgação, principalmente nos meios de comunicação para um melhor esclarecimento, e que as pessoas possam ter um olhar mais atento e sem preconceito com os portadores dessa síndrome. Somente com esse novo olhar será possível talvez uma identificação mais precoce do diagnóstico e o início da intervenção necessária com profissionais especializados para auxiliar essa criança se desenvolver da melhor maneira possível dentro do nível de comprometimento que o autismo se apresenta.

Segundo Schwartzman (2010, p. 05):

O Autismo Infantil foi descrito inicialmente por Kanner em 1943 quando ele identificou crianças apresentando prejuízos nas áreas da comunicação, do comportamento e da interação social e caracterizou esta condição como sendo única e não pertencente ao grupo das crianças com Deficiência Mental.

Propôs o nome de Autismo para chamar a atenção para o prejuízo severo na interação social que era muito evidente desde o início da vida destes pacientes.

Atualmente a autismo se encaixa no Transtorno do Espectro Autista (TEA) como bem define Fonseca e Ciola (2016, p. 10):

Os Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) trazem por definição um grupo de desordens que fazem com que o desenvolvimento do indivíduo siga por rotas diferentes das usuais e tipicamente esperadas especialmente nas áreas de comunicação, interação social e áreas restritas de interesse. Esse grupo de transtornos do neurodesenvolvimento mostra sintomas centrais no comprometimento de habilidades sociais, déficits nas habilidades linguísticas e comunicativas (verbais e não verbais) e presença de comportamentos, interesses e/ou atividades restritos, repetitivos e estereotipados.

Júnior (2019) alerta que alguns sintomas do autismo podem começar a aparecer a partir de um ano e meio de idade, mas há casos que podemos suspeitar do diagnóstico antes mesmo pela gravidade que se apresenta. Havendo a suspeita que a criança é autista é importante que se inicie as intervenções com profissionais especializados mesmo sem o diagnóstico fechado, pois a possibilidade que a criança tenha uma melhor qualidade de vida é grande.

Em crianças maiores é mais fácil observar os sinais presentes quando levamos em conta quais habilidades essa criança precisa apresentar em cada faixa etária.

Segundo Junior (2010) quando observamos bebês autistas podemos verificar alguns sintomas bem aparentes, bebês com seu desenvolvimento normal apresentam características que não são comuns quando se fala de autistas como: alegria, curiosidade, prazer no contato físico com outras pessoas, o aconchego, buscar pela atenção das pessoas ao seu redor. Bebês autistas geralmente apresentam irritação, dormem pouco em relação ao esperado, choram muito, não costumam atender quando chamados pelo nome, acabam ficando muito dispersos em um mundo só deles.

Ainda segundo Junior (2019) em crianças maiores podemos observar com mais facilidade outras características presente do autismo: a criança não manter contato visual por mais de 2 segundos, fica afastada de outras crianças ou não mostram interesse pelas mesmas, gostam de alinhar objetos, ser preso em rotinas a ponto de entrar em crise, não brincam com brinquedos de forma convencional, podem fazer movimentos repetitivos sem uma função aparente,

não falar ou não fazer gestos para mostrar algo, girar objetos sem uma função aparente, mostram interesse restrito por um único assunto entre outros.

Estudos mostram que em média o autismo afeta mais o sexo masculino, sendo 4 meninos para cada menina, isso justifica a cor azul ser associada ao autismo, sendo o símbolo do autismo o quebra-cabeça por significar sua diversidade e complexidade.

Estudos apontam que o Brasil possui mais de 2 milhões de autista, sem contar aquelas pessoas que nunca tiveram seu diagnóstico fechado adequadamente.

Em 2007 a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou o dia 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, para conscientização e alerta de uma síndrome que cada vez mais afeta novas crianças (PEREIRA, 2021)

Figura 1 - Símbolo do Autismo



Fonte: National Autistic Society, 1963 apud Júnior (2019)

Em relação a realização de um diagnóstico precoce a família pode ser de grande ajuda, uma vez que os primeiros sinais do autismo estão presentes desde o nascimento. Infelizmente muitos familiares não conseguem identificar os sinais do TEA, em sua grande maioria acabam por acreditar que certas características são da personalidade da criança e não buscam ajuda profissional adequada, ocasionando um diagnóstico tardio.

Geralmente a preocupação dos pais surge quando a criança começa a apresentar dificuldades evidentes na comunicação, por outro lado muitas das vezes é a escola que acaba identificando os sinais e encaminhando para um atendimento especializado.

Segundo Mansur *et al.*(2017, apud SILVA *et al*, 2018, p. 1090):

Estudos apontam que quatro fatores podem influenciar no atraso do diagnóstico precoce: a variedade de expressões dos sintomas, as limitações da avaliação do próprio profissional que trabalha com a idade pré-escolar, a falta de profissionais treinados e capacitados para reconhecer os sinais precoces do TEA e a escassez de serviços especializados. Esses fatores atrasam o diagnóstico, conseqüentemente o início do tratamento e a evolução da criança. Além disso, a demora na detecção das primeiras dificuldades comportamentais também dificulta a rápida intervenção.

Dentre os profissionais da saúde destinados a acompanhar a criança autista poucos são capazes de identificar e diagnosticar com certa precisão o TEA em seus diferentes níveis, assim dificultando o diagnóstico, sendo que a maior dificuldade é observar e analisar crianças antes dos 3 anos por apresentar comportamentos poucos conhecidos pela maioria desses profissionais.

O tratamento do autismo é personalizado e interdisciplinar onde o paciente deve ser beneficiado com intervenções de fonoaudióloga, terapia ocupacional, neuropediatra, psiquiatra, psicólogo entre outros profissionais conforme sua necessidade, sendo o diagnóstico essencialmente clínico.

O trabalho do profissional que busca realizar o diagnóstico precoce também pode ser facilitado conhecendo melhor o paciente e sua família, observando ambos dentro do consultório e fora dele, visitar a escola da criança e conversar com seus professores permitirá que mais informações possam ser coletadas sobre o paciente.

Ainda não se sabe ao certo quais são as causas que podem levar ao desenvolvimento do autismo, alguns estudos apontam que determinadas informações genéticas dos pais podem contribuir no seu desenvolvimento.

Quando é confirmado o diagnóstico para os pais é comum que cause um impacto muito forte e totalmente negativo em toda a família, de início há uma recusa em aceitar tal situação. Surgem sentimentos de conflito e dor associado a falta de informação e de como podem ajudar essa criança, é comum a sensação de impotência e do rompimento de todas as expectativas em relação ao filho e ao seu futuro, além de como lidar com todo um preconceito que seu filho pode sofrer.

Geralmente é a mãe que toma para si a responsabilidade de cuidar do filho, o pai na sua grande maioria ausenta-se do compromisso por não saber como lidar com a situação, existem alguns casos que chegam a abandonar sua família para esquivar-se da sua responsabilidade.

Assim além da criança é fundamental que toda a família seja acompanhada por psicólogo, psiquiatra para saber lidar com toda essa situação, há casos de surgimento de sentimentos depressivos entre os familiares.

Só assim a família poderá dar total apoio e conforto que essa criança vai precisar no decorrer de seu desenvolvimento e preparo da sua independência futura.

Segundo Borba e Barros (2018) “Cuidar de uma criança diagnosticada com autismo requer um aprendizado constante e uma enorme capacidade de comemorar pequenos progressos. ”

A criança diagnosticada com TEA é como qualquer outra, ambas apresentam suas dificuldades no processo para seu desenvolvimento e isso é normal e esperado, mas o que as diferenciam é o período de tempo que será preciso para que cheguem a esse estágio. Pessoas com TEA geralmente precisam de um pouco mais de tempo, mas isso não as impedem de concluir com êxito esse processo, é importante sempre identificar alguma habilidade que essa criança possa ter para assim ser um ponto de partida para mediar os progressos que com certeza virão.

2 Acesso à Escola Regular e Métodos Para a Aprendizagem

A presença da criança com TEA na escola regular nos últimos anos vem sendo mais frequente, mas ainda há muita resistência da comunidade escolar sobre a sua inclusão. Ainda há escolas e profissionais que resistam a esse acesso, embora existam leis que garante a pessoa com TEA frequentar a escola regular e ter o direito a mesma educação que os demais. É importante assegurar sua permanência e buscar maneiras e oportunidades no processo de ensino e aprendizagem para o seu desenvolvimento.

Conforme afirma Chiote (2013, p. 21 apud OLIVEIRA, 2020, p.12):

Incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola regular, em uma sala regular; é preciso proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, constituindo, assim, o sujeito como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade.

Podemos destacar algumas leis no Brasil que asseguram o direito à educação a todos os portadores de deficiência:

- A Constituição Federal (1988) em seu Art. 208 (BRASIL, 2020) e o Estatuto da Criança e Adolescente (Lei 8.069/90) em seu Art. 54 ambas no inciso III asseguram o mesmo direito “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”(BRASIL, 1990).
- Declaração de Salamanca (1994) assegura que toda criança tem o direito à educação que respeite suas características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas.

- LDB (Lei nº 9.394/96) descreve no Art. 58:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 1996).

- LBI (Lei nº 13.146/15) Art. 27 diz:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (BRASIL, 2015).

- Berenice Piana (12.764/12) Lei voltada diretamente para os portadores do TEA, em seu artigo 7º proíbe qualquer escola pública ou privada recusar a matrícula do aluno autista:

O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos (BRASIL, 1990).

Quando falamos do desenvolvimento do aluno autista é importante que ele seja acompanhado por uma equipe multidisciplinar, onde serão trabalhadas maneiras para que adquira e aperfeiçoe suas habilidades e autonomia, sempre contando com a ajuda da família e da escola.

É importante que o trabalho desenvolvido pela equipe multidisciplinar tenha continuidade no ambiente familiar e principalmente na escola para que não ocorra um retrocesso na aprendizagem desse aluno.

A parceria família e escola é essencial para esse processo dê bons frutos como bem aponta Cruz (2015, p. 17):

É preciso que os familiares confiem na escola em que seus filhos estudam, que conheçam os profissionais que vão fazer parte do seu processo de aprendizagem e estabeleçam um vínculo de ajuda mútua entre si. Quanto aos profissionais da escola precisam conhecer esses pais, suas limitações e saber captar a melhor forma de orientá-los para que possam ajudar seus filhos da melhor forma possível.

A primeira coisa a pensar quando falamos na inclusão do aluno autista na escola é a construção de um currículo individualizado, cada aluno possui suas particularidades, cada aluno é único e aprende de maneiras diferentes, isso já acontece com alunos ditos “normais” imagina quando falamos de portadores de síndromes.

Segundo Almeida (2016) “ Os alunos autistas respondem bem aos sistemas organizados. O professor deve organizar a sala de aula para efetivamente conseguir ensinar os alunos. ”

O autista é muito visual então é importante que a sala de aula seja um ambiente organizado e agradável sem muitos móveis, janelas que dão para outros ambientes assim não levando à distração em certos momentos. O ideal é que esse aluno tenha um cantinho só dele onde seja possível ter seus materiais sempre ao seu alcance, evitando assim que fique agitado e irritado.

Também é necessário que se tenha uma programação de todos os acontecimentos do cotidiano para que o aluno saiba sua sequência e evite surpresas e ansiedade.

Costa (2017) afirma “o professor pode projetar a sala de aula e todos os materiais de instrução para conter suportes e pistas visuais individualizados, fundamentais para minimizar muitos problemas de comportamento. ”

Conforme Silva e Almeida (2012, p.72 apud MELO, 2016), as estratégias pedagógicas direcionadas a alunos autistas devem:

Ampliar a possibilidade de acesso do aluno à linguagem receptiva e expressiva, ampliando assim, o repertório comunicativo do aluno por meio das atividades de vida diária e da comunicação alternativa, visando à autonomia, partindo de seus interesses, respeitando suas possibilidades motoras, cognitivas e afetivas, para promover o avanço conceitual.

Todo processo de aprendizagem envolve aspectos cognitivos, emocionais e psicomotores em qualquer pessoa, é necessário estar sempre atento ao desenvolvimento das crianças com TEA, aplicando métodos adequados para suas necessidades lembrando que o aluno pode ser ou não verbalizado tendo dificuldades na linguagem oral para comunicação.

Interação entre todos os alunos é uma estratégia para o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas do aluno autista, sendo de grande ajuda no desenvolvimento da socialização e comunicação já que são as principais dificuldades que enfrentam. Para trabalhar a coordenação motora fina, a concentração é bem eficaz trabalhar texturas (sensação tátil), peças de encaixes e jogos voltados para desenvolver a memorização.

Conforme Fantacini e Daguano (2011, p.114 apud MELO (2016):

O lúdico quando presente no processo educacional da criança contribui, de maneira prazerosa e mais eficaz, para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades motoras e do conhecimento da pessoa. As brincadeiras, jogos e brinquedos quando presentes no cotidiano da criança faz com que a aprendizagem seja mais descontraída e eficiente, contribuindo para desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades físicas, intelectuais e morais do indivíduo.

Para ajudar a criança com TEA adquirir competências de leitura podemos seguir as dicas do Dr. Brites do Instituto NeuroSaber (2017) que aponta que o autista aprende melhor por meio de figuras e desenhos por estímulos visuais.

É importante trabalhar palavras, letras e vocabulários que expressam ações, momentos, situações do cotidiano, ajudando a desenvolver um vocabulário variado, utilizando figuras de objetos que o aluno tenha interesse e fazendo links com outras palavras.

Uma criança que tenha grande interesse por carros, podemos utilizar a imagem ou objetos que tenham relação para trabalhar além do vocabulário ensinar adição, subtração, sempre procurando ampliar esse interesse trazendo outros assuntos relacionados.

Introduzir métodos para a criança desenvolver habilidade fonológica e os processos de decodificação e sons das letras, método boquinhos por exemplo – método de alfabetização multissensorial fono-visuo-articulatório, onde a criança observa a articulação da boca para conseguir pronunciar as sílabas.

Também podemos utilizar métodos como TEACCH, PECS e ABA:

- TEACCH – uso de imagens para ajudar a criança utilizar instruções visuais e assim comunicar-se, auxilia e ajuda na rotina sendo organizada em quadros, painéis ou agendas. Evita ansiedade na criança melhorando sua aprendizagem, tornando assim cada vez mais independente – Vichessi (2019)
- PECS – utilizado para ajudar pessoas que não conseguem se fazer entender através da fala, por meio de trocas de figuras ajuda na compreensão da linguagem. Procura incentivar a criança a falar e assim mostrar suas necessidades, uma comunicação alternativa como aponta Vieira (2019).
- ABA – método mais popular na intervenção com autista, seus princípios tratam da ligação entre a aprendizagem e o comportamento (análise do comportamento aplicada). O objetivo é fazer os comportamentos desejados sejam aplicados e com isso diminuir os que são prejudiciais e afetam negativamente o processo de aprendizagem.

Sua finalidade é criar ou melhorar as habilidades na linguagem e na comunicação, aperfeiçoar a atenção, o foco, a interação social e os estudos, reduzir os comportamentos problemáticos como crise de desregulação emocional e agressividade segundo o Ocalxuk (2020).

3 Interação e Afetividade Professor – Aluno

Quando pensamos em afetividade entre professor e aluno vamos além da interação e empatia dentre ambos, devemos pensar de que maneira essa relação está contribuindo no processo da aprendizagem, de que modo esse aluno está sendo conduzido e afetado pelo professor.

Moraes e Oncalla (2012) citam que Henri Wallon em sua Teoria Psicogenética estudou a criança na sua integralidade e seu desenvolvimento explorando as dimensões cognitiva, afetiva e motora, ele acreditava que a escola deve fornecer formação integral nos aspectos afetivo, intelectual e social. É dentro da interação emocional que é possível acontecer o desenvolvimento cognitivo, sua teoria contribui para o trabalho com a afetividade no ambiente escolar.

Podemos entender que afetividade é a capacidade que as pessoas têm de afetar e ser afetado pelo mundo interno e externo, com isso sentimos

sensações variadas como resposta desse processo, sendo possível termos sensações agradáveis ou desagradáveis.

A aprendizagem está totalmente vinculada ao afeto, por isso é tão importante que haja uma ligação e uma interação entre o professor e seus alunos, sendo essencial para que o desenvolvimento do trabalho pedagógico seja mais eficiente e tenha significado para os alunos. A escola precisa ser um ambiente agradável onde esse aluno deve encontrar profissionais preparados e comprometidos com seu aprendizado, para que possam ser afetados de forma positiva e assim aflorar um sentimento bom e instigar a vontade de aprender cada vez mais.

É fundamental que o professor conheça e consiga identificar as habilidades e dificuldades de seus alunos independente se são portadores de alguma deficiência ou não, é necessário transmitir confiança e os alunos precisam encontrar no ambiente escolar um espaço atraente e adequado para a aprendizagem e estabelecer vínculos positivos uns com os outros.

Sousa (2015) define “ O professor aparece como um mediador, um colaborador dos processos de aprendizagem e desenvolvimento, alguém que cria oportunidades, que constrói pontes, que minimiza dificuldades [...]”.

É necessário que o professor mediador seja alguém disposto a compartilhar conhecimentos, auxiliar e ser o suporte que possibilita a aprendizagem assim levando os alunos ao desenvolvimento e a construção do saber.

Como já vimos anteriormente hoje em dia é possível encontrar nas salas de aula com mais frequência alunos com necessidades especiais, mas nem sempre os professores estão capacitados ou dispostos a trabalhar e lidar com suas especificidades. Fatores que dificultam a relação professor-aluno estão vinculados ao despreparo e ao desconhecimento do profissional da educação sobre certas deficiências.

Em relação ao aluno com TEA o conhecimento por parte do professor sobre o espectro e sobre esse aluno é o primeiro passo para gerar empatia, só assim o professor será capaz de promover o desenvolvimento desse aluno.

O afeto é essencial para que se construa o processo de ensino aprendizagem, na sua ausência pode-se correr o risco que o aluno com autismo

acabe se isolando e diminua a possibilidade de comunicação, visto que a interação social é um aspecto marcante no diagnóstico.

Por sua vez a escola precisa dar suporte e apoio ao professor pensando em sua capacitação, para melhor realizar o desenvolvimento cognitivo e assim conseguir impulsionar seu aluno a aprender com intervenções que levem em consideração o potencial do aluno e não suas limitações, sendo o processo desafiador tanto para o professor quanto para o aluno no cotidiano da sala de aula.

Farias, Maranhão e Cunha (2008) acreditam que “a escola para ser considerada inclusiva deve promover as possibilidades e potencialidades de todo e qualquer sujeito, sobretudo aquele com deficiência”.

Cada aluno é único e não existe uma metodologia que funcione para todos, cada um responde de diferentes formas sendo assim fundamental conhecer as necessidades de cada um. Quanto mais o professor conhecer e souber lidar com esse processo, mais será gerado uma ligação entre eles e a aprendizagem será mais prazerosa e efetiva. Identificar qual o nível de aprendizagem já foi alcançado por cada aluno é tão importante quanto descobrir seu potencial para as próximas aprendizagens, sendo a aprendizagem uma consequência do vínculo entre professor e aluno.

Identificar as características do TEA e conhecer diferentes metodologias para ensinar o aluno é essencial para todo o processo de inclusão. É importante também incluir toda a sala, conscientizando os outros alunos da importância de compreender e aceitar as diferenças, assim fazendo que tenham um olhar mais atento e compreensivo uns com os outros e que essa criança se sinta acolhida e pertencente a sala.

Ensinar alunos com TEA exige que o professor seja flexível e que haja mudanças em suas práticas pedagógicas, é necessário a participação da família e de outros profissionais especializados para que cada um faça sua parte para o pleno desenvolvimento do aluno.

O aluno uma vez estimulado e compreendido por esse professor vai aprender cada vez melhor, a forma de compreensão do autista é diferente da nossa, por isso é fundamental conhecer as potencialidades e particularidades de cada criança. O professor precisa buscar formas para desenvolver suas

habilidades e ajudar a criança desenvolver a socialização, a linguagem, a autoestima e autonomia dentro e fora da escola.

O professor precisa trabalhar o contato visual buscando o olhar do aluno nas atividades que realiza, encontrar formas para que ele possa se comunicar usando brincadeiras e jogos sabendo intervir na aprendizagem do mesmo.

Outro estudioso na área da aprendizagem é Vygotsky que afirmava que todo indivíduo tem capacidade para aprender e se desenvolver dentro da interação com a ajuda mediadora de indivíduos mais “experientes” por meio da linguagem e situações vivenciadas. Ele entendia que a aprendizagem e o desenvolvimento acontecem de modo interligados (ANTUNES, 2016).

A interação entre os pares é o que favorece os processos de construções das experiências e dos conhecimentos, onde o mediador acaba construindo um contexto favorável para que o “aprendiz” consiga meios para realizar aquilo que não conseguiria sozinho, usando as aprendizagens anteriores internalizadas para assim aprimorar e aumentar a aprendizagem sempre partindo do nível do desenvolvimento real da criança para alcançar o nível do desenvolvimento potencial (Zona de Desenvolvimento Proximal).

Segundo Sousa (2015, p. 25) para Vygotsky:

O desenvolvimento de um indivíduo resulta de um processo sócio-histórico, tendo em vista que ocorre em um contexto social e relaciona-se com os aspectos que constituem o ambiente naquele dado momento. Isso implica dizer que cada pessoa se desenvolve em um momento histórico e envolto em práticas e hábitos culturais, de modo que todos esses elementos o constituem. Pensando assim, afirma-se, também, que cada indivíduo colabora, de algum modo e em algum nível, para a constituição dessa cultura e de outros indivíduos.

Concluimos assim que para Vygotsky a interação entre os pares em um determinado momento é o que de fato favorece todo o processo de construção das experiências e do conhecimento, sendo o processo de aprendizagem uma experiência social onde o indivíduo é capaz de construir sua própria bagagem, aprendendo a partir de suas experiências anteriores e se desenvolvendo cada vez mais.

Considerações Finais

Foi observado no decorrer do trabalho que o TEA ainda enfrenta um grande desafio dentro da nossa sociedade, desde no âmbito familiar até a inclusão desse aluno na escola regular, como suas características nem sempre são aparentes desde o nascimento assim muitas crianças não recebem os atendimentos especializados logo no início para auxiliar no seu desenvolvimento.

O primeiro grande desafio a enfrentar diria que é com os próprios pais, nem sempre estão preparados psicologicamente para receber o diagnóstico do TEA dos filhos, há um impacto muito forte e negativo envolvido, eles temem pelo futuro dos filhos e por todo o preconceito que irão enfrentar juntos aos filhos, aí surge a necessidade do acompanhamento de um psicólogo de toda a família para ajudar nesse novo processo. Vimos também que todo esse processo de conclusão do diagnóstico ainda sofre com a falta de profissionais da saúde preparados para identificar e diagnosticar com precisão a criança antes dos 3 anos de idade, há assim a necessidade da qualificação desses profissionais em relação as características do TEA para que tenham condições de fechar o diagnóstico o quanto antes.

Já em relação ao direito a escolarização mesmo existindo leis que asseguram a permanência de crianças com TEA e outras deficiências na escola regular podemos observar que ainda há uma certa resistência de alguns profissionais que acabam inserindo e não incluindo esse aluno na turma, assim não trabalhando por completo suas dificuldades e principalmente não desenvolvendo suas habilidades. Para que esse aluno venha a alcançar um desenvolvimento e um progresso satisfatório é importante que a família e escola trabalhem em parceria, e também será necessário o acompanhamento por uma equipe multidisciplinar onde irão organizar um currículo individualizado usando os métodos e estratégias de ensino que melhor desenvolva as habilidades e autonomia desse aluno tanto na escola quando em casa.

Um ponto importante de todo esse processo de ensino aprendizagem dos portadores do TEA é a afetividade professor – aluno, o modo que essa relação é construída é de grande valor para ambos. Como citado anteriormente hoje em dia quase que grande maioria das salas de aula podemos observar a inclusão de crianças portadoras de deficiências diversas, o problema é que nem todos os professores estão preparados e qualificados para desenvolver com qualidade a

mediação da aprendizagem para esse público, é quando o professor precisa compreender a importância de manter uma formação continuada voltada principalmente para a educação especial porque a frequência de encontramos crianças com TEA só tende a aumentar nos próprios anos. O professor que envolve a afetividade em suas aulas tende a colher bons frutos com seus alunos ao decorrer do trabalho pedagógico, quem de nós não se lembra de professores que nos marcaram em nossa trajetória escolar, uns positivamente e outros nem tanto, nós como professores precisamos pensar quais marcar e lembranças pretendemos deixar em nossos alunos.

“ A criança responde às impressões que as coisas lhe causam com gestos dirigidos a elas “

Henri Wallon

Referências

AGUIAR, M.C.M. de; PONDE, M.P. Autismo: Impacto do Diagnóstico nos Pais. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, online, v. 69, n. 3, p. 149-155, Jun. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0047-20852020005003203&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 30 set. 2020.

ALMEIDA, M.S.R. Estratégias Escolares para Ensinar Alunos com Autismo. **Instituto Inclusão Brasil**, São Vicente, 13 mar. 2016. Disponível em: <https://institutoinclusaobrasil.com.br/estrategias-escolares-para-ensinar-alunos-com-autismo/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ANTUNES, A. C. J. **A Afetividade na Relação professor-aluno: Aprendizagem potencializada e construção de significados**. 2016. 79p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18469/1/2016_AnaClaudiadeJesusAntunes.pdf. Acesso em: 18 abr. 2021.

BORBA, M. M. C.; BARROS, R. S. **Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico- comportamental ao autismo**. Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018.

BRASIL. Constituição Federal (1988). **Artigo 208, Inciso III**. Brasília, DF: Senado Federal, 2020. 399 p. Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/566968/CF88_EC105_livro.pdf. Acesso em: 03 abr. 2021.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Artigo 54, Inciso III. Brasília, DF: Planalto Federal, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 05 abr. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Artigo 58. Brasília, DF: Planalto Federal, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 05 abr. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.146/15, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Artigo 27. Brasília, DF: Planalto Federal, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 03 abr. 2021.

COSTA, M. Estratégias de Ensino para Pessoas com TEA no Ambiente Escolar. **Portal Comporte-se Psicologia & AC**, 6 mar. 2017. Disponível em: <https://comportese.com/2017/03/06/estrategias-de-ensino-para-pessoas-com-tea-no-ambiente-escolar#:~:text=A%20utiliza%C3%A7%C3%A3o%20de%20um%20sistema,tem%20habilidades%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20limitada>. Acesso em: 18 abr. 2021.

CRUZ, C.N. da. **Relações Família-Escola na Educação e no Desenvolvimento Intelectual de uma Criança com Diagnóstico de Síndrome de Espectro Autista**. 2015. 42 f. Monografia (Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) - Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15087/1/2015_CatiaNogueiraDaCruz_tcc.pdf. Acesso em: 01 abr. 2021.

FARIAS, I.M.de; MARANHÃO, R.V.A; Cunha, A.C.B. Interação Professor-Aluno com Autismo no Contexto da Educação Inclusiva: Análise do Padrão de Mediação do Professor com Base na Teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 14, n. 3, p. 365-384, set/dez, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382008000300004&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 24 abr. 2021.

FERREIRA, M.M.M; FRANÇA, A.P. de. O Autismo e as Dificuldades no Processo de Aprendizagem Escolar. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. Online, v. 11, n. 38, p.507-519, nov.2017. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em: 17 set. 2020.

FONSECA, M.E.G; CIOLA, J.C.B. **Vejo e Aprendo**. 2.ed. Ribeirão Preto, SP: Book Toy, 2016.

JÚNIOR, F.P. O que é Autismo. **Revista Autismo**. Online, n. 4, p. 8, março/abril/maio 2019. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/revista/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

JÚNIOR, W.C. É possível identificar a Autismo Infantil antes dos 2 anos de idade. **Revista Autismo**. Ano I, n. 0, p. 10-12, set. 2010. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/revista/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

MANOEL, V.F. A Importância da Afetividade para o Processo de Ensino e Aprendizagem dos Alunos com Transtornos do Espectro Autista. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**. Versão Online, v. I, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uenp_vandaferreiramanoel.pdf. Acesso em: 28 set. 2020.

MELO, C.C.S.de. **Estratégias Pedagógicas Direcionadas ao Aluno com Autismo no Ensino Fundamental**. 2016.39p. Artigo Científico para Licenciatura em Pedagogia-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Acesso em: 14 abr. 2021.

MORAES, R.R.de; ONCALLA, S.A. **Psicopedagogia: teoria da aprendizagem**. Capítulo 6 – A teoria psicogenética de Henri Wallon e suas contribuições para a Psicopedagogia. Acesso em: 25 abr. 2021.

NEUROSABER. **LEITURA no TEA: Dicas | Lives NeuroSaber**. 2017. 1 Vídeo (21 min). Disponível em: (337) LEITURA no TEA: Dicas | Lives NeuroSaber - YouTube. Acesso em: 18 abr. 2021.

OCALXUK, L. Método ABA: conheça uma das terapias mais eficazes no tratamento do autismo. **Autismoemdia**, 2020. Disponível em: Método ABA: conheça uma das terapias mais eficazes no tratamento do autismo - Autismo em dia. Acesso em: 10 abr. 2021.

OLIVEIRA, G.S.de. **A Inclusão do Aluno Autista no Sistema de Ensino Regular**. 2020. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Inclusão e Diversidade na Educação) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2020. Disponível em: http://200.128.85.17/bitstream/123456789/2247/1/TEC_Gerilandia%20Sousa.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

PEREIRA, D.G. Abril azul – Mês da Conscientização do Autismo. **Diálogos 100fronteiras**, 2 abr. 2021. Disponível em: Abril azul - Mês de Conscientização do Autismo (100fronteiras.com). Acesso em: 20 maio 2021.

Schwartzman, J.S. Autismo e outros transtornos de espectro autista. **Revista Autismo**. V. I, n. 0, p. 5-6, set. 2010. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/revista/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SILVA, B.S. *et al.* Dificuldade no Diagnóstico Precoce do Transtorno do Espectro Autista e seu Impacto no Âmbito Familiar. In: 3º Congresso Internacional de Pesquisa, Ensino e Extensão, 15º Mostra de Saúde, 2018. **Anais** [...]. Anápolis. Disponível em: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/CIPEEX/article/view/2878>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SOUSA, A.C.M.H. **A Interação Professor Aluno Autista em Classe Inclusiva: O Rompimento de Paradigmas**. 2015. 70 f., Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) -Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15061/1/2015_AndreaCarlosMeloHoskenSousa_tcc.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

VICHESSI, B. Autismo: conheça o TEACCH, um programa para melhorar a comunicação de crianças com autismo. **Nova Escola**, 6 jun. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17625/autismo-conheca-o-teacch-um-programa-para-melhorar-a-comunicacao-com-criancas-autistas>. Acesso em: 19 abr. 2021.

VIEIRA, S. PECS-Sistema por figuras é boa ferramenta de comunicação para autista. **Canal Autismo**, 20 mar. 2019. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/artigos/pecs/>. Acesso em: 20 abr. 2021.